



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011IGRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

30 de Julho de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1758

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A Diocese de Malanje, agora erigida a Arquidiocese, deu-nos um Padre para servir na nossa Obra. Feliz coincidência esta, pois maior é aquele que serve.

Há cerca de dois anos, o Padre Rafael, originário da Diocese de Saragoça, Espanha, passando por Malanje, enamorou-se da nossa Obra na Casa do Gaiato. Ficou. De há um ano a esta parte é o seu responsável.

São, assim, já dois os padres que, nesta Igreja angolana, dedicam o seu ministério aos pobres, por quem e para quem a Obra da Rua nasceu e existe.

Nos poucos dias que passei em Malanje, para participar na Ordenação presbiteral do nosso Quinzinho, pude também partilhar da alegria do nosso Padre Rafael com os seus rapazes, em total dedicação a eles — sofrendo com eles e alegrando-se com eles.

O Quinzinho, filho do nosso professor António «Estel» da mesma Casa de Malanje, cresceu em nossa Casa a partir dos onze anos, e lá descobriu a vocação para servir os rapazes pobres e sem família, que Deus colocar

em suas mãos. Posso dizer que tem no seu coração a palavra de Jesus: «Assim como vos fiz, fazei-o vós também»; «Recebeis de graça, dai de graça».

Padre Quim é o único sacerdote ordenado este ano na Diocese de Malanje, pelo seu Bispo D. Luís Maria. Embora Pastor de uma Diocese tão extensa, somente tem como seus colaboradores vinte e nove padres. Por tudo isto, sentimos e valorizamos muito a sua expressão na homilia da Missa da Ordenação, referindo-se ao envio do Padre Quim para o serviço na Obra da Rua: «A Diocese de Malanje dá da sua pobreza».

Padre Quim é o primeiro padre angolano a servir a Igreja na Obra da Rua, e o segundo que nasce no espaço de dois anos em terras malanjinhas. A isto não é estranho o testemunho do nosso Padre Telmo que, ao longo de 48 anos, com o interregno das consequências em nossas Casas da independência de Angola, ali exerceu e semeou a sua paternidade espiritual, à maneira de Pai Américo.

Foi precisamente no seu dia, 16 de Julho, que uma Assembleia de cristãos encheu a Sé Catedral de Malanje para participar na Ordenação e rezar pela vida futura do neo-sacerdote, Padre Quim, para que ele siga, com a vontade e a bênção de Deus, as pisadas de Pai Américo e de Padre Telmo, este que foi no seu dizer «o seu primeiro seminário».

No dia seguinte à Ordenação foi a Festa dos nossos rapazes de Malanje, lembrando Pai Américo. Juntaram-se os que estão a crescer nesta nossa Casa e os que já deixaram o ninho e foram constituir a sua própria família. Apesar das dificuldades que os jovens encontram para se inserirem na sociedade, eles que são uma imensa multidão no conjunto do Povo angolano, muitos dos nossos rapazes malanjinhas criaram o seu próprio lar, e são valiosos construtores do seu país.

Foi do seio deles que brotou a vocação do nosso Quinzinho, uma primeira semente angolana que Deus lançou nesta seara imensa, e que necessariamente tem de se multiplicar e despertar noutros corações chamados a ser padres/pais, a mesma ânsia de espalhar o bem. □



BENGUELA

Padre Manuel António

ESTAMOS a celebrar a Festa de Pai Américo. Em 16 de Julho de 1956, Pai Américo nasceu para o Céu. Assim acreditamos. A Obra da Rua, envolvida pelo carinho dos seus filhos das Casas do Gaiato e do Calvário, dentro e fora das suas paredes, vive esta data como o seu Dia. A memória de Pai Américo faz com que esteja muito vivo no meio de nós.

Neste ano de 2011, porém, o dia 16 de Julho é marcado por um acontecimento maravilhoso. Estou a escrever-vos, mergulhado nas águas vivas que brotam do rochedo batido pela vara milagrosa do Amor. A Ordenação Sacerdotal dum neto da Obra da Rua marca, para sempre, este dia. O Quinzinho, como é chamado em família, filho do António Joaquim, da nossa Casa do Gaiato de Malanje, recebeu o Sacramento da Ordem, na Sé Catedral de Malanje. Nasceu Sacerdote no dia da Festa de Pai Américo e da Obra da Rua. O Pai do Céu não podia fazer um dom mais precioso, nesta hora.

O Padre Quim fica ao serviço da Obra da Rua, onde for preciso. Quer ser um homem e um Padre feliz. O caminho da verdadeira felicidade está na descoberta da vocação autêntica. Descobriu o chamamento de Deus, que é a vocação, no livro da sua experiência, da sua história. É neste livro que Deus escreve o caminho da felicidade de cada um e de cada uma. Quem dera descobríssemos este caminho, ao interrogarmos-nos, com simplicidade e coragem: O que é que Deus quer de mim? Da minha vida? São vários os caminhos que levam à meta da nossa vida: a felicidade. Qual é o meu caminho? Interroga-te, sem medo.

O Senhor Arcebispo de Malanje, num gesto de extrema generosidade e de amor para com a Obra da Rua, doou o Padre Quim para o serviço do Reino de Deus, no mundo dos mais pobres, onde vive a Obra da Rua, onde vivem os filhos abandonados. Irá, pois, viver a beleza e a grandeza do seu sacerdócio a trabalhar numa das Casas do Gaiato. Onde a Obra de Pai Américo mais precisar dele. Que maravilha Deus foi preparando, ao longo dos anos, para a celebração do dia 16 de Julho de 2011!

Continua na página 3

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Padre Quim

Seduziste-me Senhor e eu deixei-me seduzir

QUIS a Providencia Divina conceder à Arquidiocese de Malanje, e de modo particular à Obra da Rua, um novo sacerdote, para trabalhar na Messe do Senhor. Sou Teu sacerdote para sempre, pela Tua grande Misericórdia me escolheste para tão grande, nobre e preciosa missão. Para ser sinal da Tua Graça. Para distribuir aos homens, meus irmãos, a Tua Palavra, o Teu perdão e o Teu corpo.

Foi exactamente no dia 16 de Julho, data inesquecível e sempre renovada na memória de todos os Gaiatos e de todas as pessoas que admiram, respeitam e amam a Obra do Padre Américo. Nosso Pai e protector. Em de Julho de 1956 o Pai Américo nasceu para o Céu e desde lá intercede pelos seus filhos diante de Deus. E hoje, 16 de Julho de 2011, acontece a minha Ordenação Sacerdotal. Festa na Arquidiocese de Malanje e festa na Casa do Gaiato. É o dia da Obra da Rua.

Exulto de alegria no Senhor e a Obra também. Hei-de cantar-Vos,

meu Deus, um cântico novo. Vim para a Casa do Gaiato quando tinha 11 anos de idade. Estive 10 anos fora, a preparar-me para o Sacerdócio Ministerial, mas nunca deixei de estar na Casa do Gaiato. Hoje, com 29 anos, sou Sacerdote de Deus, ao serviço dos Pobres. Desde que conheci o nosso Padre Telmo senti sempre no meu coração, aquele apelo: «se hoje ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações». O seu exemplo e a sua entrega total às crianças necessitadas me fazem compreender que o Senhor da Messe me chama a estar com Ele ao serviço dos Irmãos.

E como todos na vida precisamos duma figueira para subir e poder ver Jesus que passa, como fez Zaqueu, e poder compreender o convite que Ele próprio faz de entrar nos nossos corações, o Padre Telmo foi para mim, e continua a ser, um inspirador da pequena semente da vocação que Deus colocou em mim. Eu nada fiz de extraordinário senão apenas ser fiel ao ideal de vida que Deus

colocou em mim, desde tenra idade. Depois de dez longos e lindos anos de formação no Seminário, com a Graça de Deus, em Janeiro deste ano recebi a ordenação diaconal. Passados sete meses, no dia do Padre Américo, o Senhor Arcebispo da Arquidiocese de Malanje ordenou-me sacerdote, dentro de uma cerimónia muito linda. A Sé Catedral foi pequena para acolher os fiéis vindos das diversas comunidades da Arquidiocese e das Dioceses vizinhas. O nosso Padre Júlio, Director da Obra da Rua, e o nosso Padre Manuel António estiveram presentes e viveram connosco este momento importante para a Igreja e para a Casa do Gaiato. Na sua homilia, o Senhor Arcebispo Dom Luís Maria dizia: «temos falta de sacerdotes na Arquidiocese, mas oferecemos da nossa pobreza este sacerdote para a Obra da Rua. Quando somos generosos partilhamos da mesma pobreza». Que gesto

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O SEMEADOR SAIU PARA SEMEAR — Mais uma vez o Evangelho quotidiano como ensinamento inesgotável para estas crónicas. «*O semeador saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho. Vieram as aves e comeram-nas. Outras, caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e sufocaram-nas. Outras, caíram em terra boa e deram fruto: umas cem, outras sessenta e outras trinta. Aquele que tiver ouvidos ouça*». (Mt, 13 1-9).

Este semeador é Deus. Às vezes somos a mão de que se serve para semear. Outras vezes, somos o caminho, as pedras, os espinhos ou a terra boa onde a Sua semente cai.

A acção vicentina deve ser este tipo de sementeira. Por isso, também corre o risco de cair na beira do caminho, no meio das pedras ou dos espinhos ou em terra boa. Na crónica da quinzena, passada falamos da questão do dar a cana, ou do dar o peixe. Agora aqui é a questão do sabermos ser semente e do sabermos semear. Podemos ajudar a preparar o terreno, mas não podemos controlar tudo de maneira a que a semente frutifique sempre. De qualquer maneira, teremos que fazer com que alguma coisa de bom fique, não só para curar ou aliviar os males presentes, mas, também, para que as gerações futuras dos que acompanhamos tenham uma vida melhor.

Isto trouxe-nos à lembrança o caso da filha de uma das pessoas que está atualmente ao nosso cuidado. Relativamente a um dos seus progenitores, está difícil fazer com que se corrija dos males que o levaram até à situação em que se encontra. Se com esse progenitor é assim, vamos ver se, pelo menos, com a sua filha a vida será melhor. Está a concluir o ensino secundário e tem vontade de continuar a estudar. Sem ajuda, não o poderá fazer. Vamos ver se conseguimos essa ajuda na Universidade aonde a incentivamos a inscrever-se. Temos fé de que estamos a semear em bom terreno. Que Deus ajude esta juventude cujo futuro está cada vez mais difícil e dê algum juízo e saúde aos pais enquanto por cá andam.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

ENCONTRO DO DIA DE PAI AMÉRICO — Que melhor homenagem poderíamos fazer ao Pai Américo, que a reunião dos seus filhos para comemorar o dia em nasceu para o Céu! Assim tem sido todos os anos e este pretérito Domingo, 17 de Julho de 2011, não fugiu à regra. O encontro/convívio dos Antigos Gaiatos e suas Famílias, foi estendido a todos os que se sentem ligados a nós de alma e coração que vieram de norte a sul do país e nos honraram com a sua presença em Paço de Sousa, para viverem um dia intenso de emoções e vivências que avivam o sentimento único de pertença a esta grande família gaiata e que desta forma singela dão o seu testemunho que a Obra da Rua cumpriu e cumpre o objectivo final do Pai Américo «fazer de cada rapaz um Homem».

O dia ficou associado à lembrança do nosso Padre Carlos, recentemente chamado para o Céu. Após a celebração da missa pelos nossos padres José Maria e João Rosa, o José “Baleia”, deu o seu testemunho, sobre a sua vivência com o Padre Carlos e da sua entrega total à Obra da Rua até ao último suspiro e do seu constante acompanhamento e aconselhamento aos rapazes, mesmo depois de constituírem família e se tornarem pais e avós. Tenhamos a esperança firme que mesmo lá no Céu, Padre Carlos lançará o seu braço protector e intercederá por todos e cada um de nós para darmos o nosso contributo válido à continuidade da Obra da Rua no espírito genuíno da pedagogia de Pai Américo.

Após a celebração, foi o almoço-convívio ao ar livre, junto da casa 3, com um belo repasto preparado pela cozinheira D. Fátima e companhia e servido pelos rapazes da Casa, bem afinados pelo Rogério e Almeida.

Tudo decorreu conforme o planeado antecipadamente pelo Padre Júlio, ausente em África, onde foi marcar presença na missa nova de um gaiato que seguiu a vida religiosa. Oxalá seja a semente para que futuros gaiatos tomem o exemplo e o sigam, pois como disse Jesus: “a seara é realmente grande e poucos os ceifeiros”.

Foi um dia perfeito e decorreu com alegria, tendo havido também muita animação e algumas iniciativas foram levadas a cabo para preencher e abrilhantar o dia, como foi o caso da parte da manhã, da assembleia geral da associação para prestar contas do ano findo e deliberar sobre novas iniciativas. De tarde além da tocata da associação, já bem afinada pelo Miguel, ter agradeado a tarde, de referir o jogo de futebol com os mais novos que este ano tiveram de correr mais para levar de vencida a equipa mais veterana, pois na segunda parte, as “barriguinhas” dos mais antigos, faziam-se já notar pela dimensão e pelo peso.

Assim foi o nosso dia, simples, mas que nos leva a reflexões profundas sobre a dimensão da Obra da Rua no seu todo, concretizada por um homem pacífico e revolucionário no seu tempo que trouxe o desassossego aos corações do povo português e que este correspondeu consagrando-o como santo. Mais que tudo, foi a vida de milhares e milhares de gaiatos a quem mudou a vida tocando as nossas almas para sempre. Saibamos honrar o legado de Pai Américo que o Padre Carlos, tão bem, soube manter vivo. Saibamos nós dar o nosso modesto contributo a todos os que têm agora a dura responsabilidade de manter viva a pedagogia e o modelo de educação com provas dadas ao longo de 70 anos, e que alguns, poucos felizmente, não compreendem.

GAIATOS EMIGRANTES — No próximo dia 7 de Agosto, vamos fazer uma recepção-convívio aos Antigos Gaiatos Emigrantes por esse mundo fora que aproveitem as férias para nos visitar. Se estiveres por cá, vem até à Casa do Gaiato passar o dia.

Do programa consta: início da recepção pelas 10H00, seguido de almoço partilhado junto da adega. A tocata da Associação fará a animação musical durante a tarde, havendo ainda tempo para a merenda. Esperamos também que a piscina já esteja operacional para um mergulho refrescante para os mais acalorados. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Irmã Quitéria

Novos tempos

O tempo faz a nossa história.

Há 20 anos que chegámos a Moçambique. Desde o primeiro momento, a nossa vida foi marcada por encontros profundos com Deus, na pessoa dos mais necessitados, conforme a Pedagogia de Padre Américo, “Pedagogia do Encontro.” Quando chegámos ao Aeroporto, dois padres jovens, recém-ordenados, nos receberam; hoje são dois Bispos. A alegria do Padre José Maria que voltava à terra, onde tantos encontros o tinham marcado, contaminava a mim e ao Padre Telmo, provocando-nos encontros e reencontros. Nossa caminhada, em 1991, começou a partir de muitos encontros. Enquanto o Padre José Maria e o Padre Telmo iam a Maputo, à procura de documentos, de terreno, autorização de residência, enfim, primeiros contactos com as autoridades, ficávamos a conhecer o ambiente onde, de certeza, iríamos colocar em prática o grande desejo do Padre Américo, de poder ter uma Casa do Gaiato em Moçambique.

Era preciso cultivar a fé, desafiar a esperança e muitas vezes provocar a Deus. Tudo tinha de começar no zero! Visitávamos a aldeia à procura de uma interacção com a população, mas não era possível, pois falavam a língua materna. Chamavam-nos de “Mulungo”, que era o sinónimo de apenas dar, porque tinham muito! No primeiro encontro com a estrutura local, gerou-se um silêncio profundo perante o nosso desafio: “Não viemos para dar peixe frito; mas, sim, para juntos procurar a cana, prepará-la e ir à pesca!” Estavam habituados aos grandes camiões que chegavam cheios de roupa e milho, para resolver o problema da fome. Marcávamos o próximo encontro e quase ninguém aparecia, era preciso ir às casas, na altura palhotas em pes-



simas condições e encontrá-los, muitas vezes cheios de fome, a dormir, bêbados, ou sentados à espera que o tempo passasse. Era preciso muita fé para perseverar, indo ao encontro de cada um conforme a sua idade, maturidade, necessidade e procurar entender o que na verdade Deus queria de nós no meio desta seara. Era tempo de guerra, os dias e as noites eram marcados por acontecimentos drásticos. Quando íamos à rua, as crianças aproximavam-se e o que sabiam dizer, em português, era apenas: “papá morreu e mamã morreu”. O nosso coração ficava no desejo de poder fazer o que devíamos, mas nem tudo era possível.

O tempo passava e quando falávamos da Casa do Gaiato, sentíamos que as pessoas, que não conhecem a Pedagogia do Padre Américo, não conseguiam perceber a dimensão do nosso trabalho. Crianças de rua, órfãs e abandonadas, garantindo um futuro digno e ao mesmo tempo desenvol-

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

16 DE JULHO — Este grande dia nunca pode ser esquecido pela Obra da Rua e seus Amigos. O nosso Pai Américo partiu para o Céu, no Hospital de Santo António, Porto, depois de um acidente de automóvel, em S. Martinho de Campo, Valongo, há 55 anos. Como não podia deixar de ser, a nossa Comunidade celebrou a Eucaristia, na nossa Capela, agradecendo a Deus pela sua vida de serviço à Igreja, em especial aos Pobres.

ARRANJOS — Foi preciso consentar a caldeira de aquecimento da água para a copa e a tubagem que rebentou no forro dessa divisão, e fez escorrer muita água.

BENS ALIMENTARES — Agradecemos muito a todos os nossos Amigos que nos têm dado géneros alimentares para as nossas refeições. Bem-hajam! Graças a Deus, comemos bem; alguns até querem comer demais...

AGROPECUÁRIA — Caiu alguma chuva, em meados de Julho. Ajudou ao desenvolvimento da nossa cultura de milho grão, a nascente da rotunda Padre Américo, cuja rega não pode faltar. As uvas de mesa das duas latadas é que se estragaram, pois não podemos tratá-las como deve ser, dado

que os Rapazes são tentados a comê-las... Colheram-se mais pêssegos para a sobremesa. Continuou-se a cortar as ervas daninhas, na encosta voltada para a rotunda e rua Casa do Gaiato. A 18 e 19 de Julho, apanhámos as batatas de um campo na *terra dos grilos*. Quem dera que não apodreçam, pois tem sido difícil conservá-las. A 11 de Julho foram tosquiadas as ovelhas e os carneiros do nosso rebanho.

FÉRIAS NA PRAIA — Como temos uma modesta casa na Praia de Mira, à rua do Gaiato, este ano e como é costume, vamos aproveitar vários dias de férias para beneficiarmos da praia. Temos de ter muito cuidado com o mar e o Sol, nas horas mais quentes. □

Por estes dias, veio até nós o assinante d'O GAIATO n.º 82989, emigrante na Suíça, fazer entrega do seu donativo. Em conversa, disse que a quantia depositada em nossas mãos, era por Graças recebidas por intermédio de Pai Américo, a cujo Processo de Beatificação só falta um milagre reconhecido pela Igreja.

vendo diversas actividades com as comunidades mais próximas. Creches com crianças de 0 a 5 anos; Saúde na área de cuidados básicos e prevenção; construção de infra-estruturas aproveitando a mão-de-obra local para formação profissionalizada, educação de adultos, desde alfabetização até à secundária; agropecuária com a introdução de culturas resistentes ao clima e ensinando como melhorar a dieta familiar, protecção do ambiente e a formação humana, cristã e o respeito pela cultura, tradição e acima de tudo, encontros frequentes com a Comunidade para que pudessem assumir a responsabilidade e continuidade do trabalho.

De há oito anos para cá, temos trabalhado intensamente com um grupo de coordenadores, todos, hoje, com formação Superior e à frente de um sector. Nos últimos anos, surge, com muita força, a ideia de consolidar estas actividades e responsabilizar as comunidades e o Governo pela sua continuidade. Estudando acções de acordo com os feitos do Padre Américo, surgiu a ideia de criar a Fundação “Encontro”. Encontro com Deus, com os mais pobres e com todos os benfeitores que contribuíram e contribuem na mudança de vida de tantas pessoas. Em 5 de Maio foi publicado no Boletim da República os Estatutos da Fundação “Encontro”, após aprovação do Conselho de Ministros, passando, a partir de agora, a assumir todas as actividades ligadas à Comunidade, seguindo o mesmo ideal do Padre Américo, “*de Pobres, para Pobres, pelos Pobres*”. Esta nova Instituição é fruto da Casa do Gaiato de Moçambique. Que todos quantos contribuíram, e contribuem, para alimentar sentimentos de esperança por uma vida melhor, continuem a acreditar naqueles que, de coração e alma, vão continuar a Pedagogia de Padre Américo — “Pedagogia do Encontro”. □

De cartas

«*Ainda estou vivo e como tal imensamente grato ao Criador. Enquanto puder, economicamente, ajudar essa Obra, não faltarei ao compromisso — que honro em nome do meu saudoso Pai, amigo fiel do Padre Américo. Tenho o grato prazer de contar, aos meus amigos, que já andei ao colo de um Santo — chama-se Pai Américo. Também não esqueço nunca outro grande amigo, que recentemente nos deixou: o senhor Júlio Mendes, mui digno chefe de redacção desse grande jornal — O GAIATO.*

Assinante 36172»

«*Peço a Deus que vos dê forças e coragem para lutardes contra tantas adversidades (de toda a ordem) e continuardes o vosso trabalho de educar para a vida e na fé cristã os vossos rapazes. Gostaria de escrever uma bonita carta, mas não tenho palavras para descrever aquilo que gostaria, pois qualquer comentário é uma ‘futilidade’ face à realidade da vossa vida. Só Deus vos recompensará.*

Assinante 70198»

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Flores do campo

Às vezes, parece que é teatro o que vivemos em certos momentos. E não é uma representação previamente encenada e apresentada em palco. No quotidiano, também somos actores e observadores de cenas, cuja realidade nos deixa confortados ou meditativos, por aquilo que significam, até pela sua simplicidade e espontaneidade.

Se é verdade que isto acontece, inesperadamente, há surpresas que nos despertam para a profundidade da existência. Recentemente, uma moda que pegou nalguns pequeninos, em épocas de floração e estival, tem sido vê-los a colher flores silvestres, nomeadamente debaixo das fruteiras, onde se aninham, para além das dentadas nos frutos apetitosos...

Estão bem avisados que as flores dos jardins e vasos não se devem cortar *ao calhas*. A sua beleza, aí, transcende os exageros dos templos. Todavia, alguns mais marotos preferem-nas para os seus enfeites e ofertas, aparecendo com rosas e cravos, na mão.

Desencravados ficamos nós quando deparámos que o busto

de Pai Américo, no átrio, estava engalanado de forma *sui generis*: do cajado aos ombros era uma profusão de flores do campo, que alguns miúdos como o Victório e o Aliu, liderados pelo Divino, fizeram questão de embelezar nesse dia importante para a nossa Família.

Vinha mesmo a propósito tal aventura; pois, em educação, pode-se correr o risco de deixar de sinalizar as infestantes, isto é, os erros, numa confusão entre mal e bem. Mais, pode parecer-nos que este mundo é um campo em que predominam as ervas daninhas e se manifestam mais poderosas.

A paciência divina é infinita e respeita a liberdade humana. Toda a pessoa é superior às suas fraquezas e a conversão pode acontecer a qualquer momento. Vem a talhe de foice tomar o exemplo perturbador de um jovem francês, Jacques Fesch, que esperou de joelhos, na sua cela, a 1 de Outubro de 1957, aos 27 anos, a sua execução, por assassínio, com esta oração nos lábios: *Senhor não me abandones, eu confio em*

Ti. Depois do pecado, há sempre lugar para o arrependimento.

Aqueles pequenitos foram seduzidos pelas flores das ervas do campo e não fizeram mal ao cortá-las, até porque elas se disseminaram em abundância e não eram necessárias, até ver...

Acabaram por se revestir de encanto nas mãozinhas deles, para um gesto de carinho, como só as crianças sabem fazer. Perguntamo-nos como é que do Céu se vêem estas coisas?...

No mistério da iniquidade, a Deus cabe sempre a última palavra, pois é vencido pelo perdão e o Amor. Afinal, a grande novidade da Redenção.

Aqueles meninos não perguntaram se podiam arrancar as flores das ervas ruins. Porém, também não veio mal ao mundo, pois nesse terreno eram tantas que não se confundiam com outras plantas. O Senhor aconselhou, sim, os seus amigos a deixar distinguir bem a bondade das moléstias, para que qualquer juízo apressado e superficial não se sobreponha à possibilidade humana de despertar dos erros, pela Graça divina.

Acutilantes foram alguns pequenitos, naquela acção de meiguice; pois, com transparência, queriam apenas fazer bem, ao cortar simples flores do campo. O que urge é nunca deixar de semear trigo! □

DOCTRINA

Pai Américo

Os verdadeiros criminosos raramente aparecem



VINHA nos jornais que, em Cacém, fora encontrada uma criança de uns dois meses de idade e esta entregue pela Polícia à Misericórdia de Sintra. Eu gostava de ver estes casos num *Fundo* sério dos jornais que os publicam; ou, ao menos, a seguir à notícia, um reparo, um aviso; qualquer coisa como se faz nas estradas de ferro para furtar à morte os incautos e aqui, os Inocentes. Mas não. Os oito tostões é que importa. Oito tostõezinhos. Que ninguém se incomode. É mais criança menos criança. Os homens assim fazem continuando as suas bodas de casamentos e baptizados, tal como nos tempos de Noé!... Mesmo que o *crime* da mãe se venha um dia a descobrir, quem pode fazer justiça — quem? Os verdadeiros criminosos raramente aparecem!

ERA duma vez uma mulher nova que, por fraqueza, veio a ser mãe e, por pobre, abandonou a criança. O caso soube-se. O mundo falou. Foi chamada ao Tribunal. Um mar de gente barafusta e quer apedrejar; nunca se vira tal. A acusada não se defende e chora. Interrogada, chora ainda mais. Nisto, faz-se um silêncio pálido e fundo. O Tribunal põe as mãos. Que foi? A ultrajada tinha dito a verdade, muito baixinho, a chorar e a tremer. O pai da criança abandonada estava ali presente. Era o juiz!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio



PEDI ao Senhor Bispo da Diocese de Setúbal que viesse entregar as chaves da casa à família que não tinha *nem rieszse nem fiador*, a qual os leitores já conhecem.

É a Igreja Santa de Jesus que dá a casa através do *Património dos Pobres*. Quantas migalhas de centenas de cristãos se juntaram para a comprar?!

O Bispo, como Pai que cuida dos Pobres e como Pastor que busca a ovelha perdida, veio humildemente e com autoridade prestar esse serviço.

Ele aí está, na fotografia, cheio de gozo espiritual a colocar a chave na mão dos pais, da família completa.

Aprontar uma casa, é tarefa ingente mesmo depois de acabada.

Dois dias antes começámos a limpeza. Eles, os Pobres, também vieram ajudar. Já saboreavam a alegria e o conforto que iriam gozar; mas, no segundo dia, a D. Locas, que chefiava o trabalho, teve de os pôr na rua. Eles nunca tinham visto os vidros das janelas tão pertinho e, depois de limpos, punham-lhes as mãozinhas sujas, encostavam a boca e sopravam para verem o seu próprio bafo a embaciar o vidro. Com os pés sujavam o chão. A senhora não teve paciência nem compreendeu a ansiedade das crianças e pôs tudo na rua: *“Assim não conseguimos limpar a casa”*.

Mobilar com o que nos vão dando, de forma bela e digna, pôr a roupa nas camas e a louça

na cozinha e no armário, recheiar a casa de banho com tudo o que é necessário, exige minúcia e esforço que só as senhoras conseguem dar, com rapidez.

Parece incrível! Mas estes pobres não tinham nada. Como comiam e confeccionavam os alimentos? — Perguntei — *era num panelo que a D. Conceição nos havia dado*. Nem roupa de cama capaz, nem loiça, nem nada.

Lembro que, na última vez que estive em África, vi-me, a levar o almoço para dois homens num balde de plástico de onde ambos comiam, cada um, com a sua colher! Estremeci de arrepiamento pela indignidade com que se tratava os homens, mas era a África onde tudo é primitivo pensei eu, para me apaziguar. Não ima-

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

A propósito, estou a lembrar-me da memória do Senhor Padre Carlos e da sua ida para a Casa do Pai, no dia 23 de Abril, p.p. Não ficámos sem a recompensa. O amor não tira. Semeia com muito carinho e generosidade. Assim faz o Pai do Céu. A Obra da Rua é d'Ele, como dizia Pai Américo. Assim fazem os corações queimados pelo fogo do amor. O Padre Carlos foi. Veio o Padre Quim. Quem dera fossem mais! Não posso esquecer a proposta que um governante angolano me fez, num momento de grande aflição: *«Porque não leva a experiência das Casas do Gaiato para outras terras de Angola? São muito necessárias, porque as crianças abandonadas vivem infelizes»*. E são multidões. A resposta não se fez esperar: Onde estão as vocações para este serviço admirável? Quem dera se abram mais janelas, por onde crentes e não crentes vejam a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, como expressão do Amor Maternal de Deus para com os filhos, mais pobres, mais excluídos da sociedade. Sacerdotes e leigos voluntários, abri as páginas do livro da vossa história e descobri nelas os momentos mais felizes que marcaram as vossas vidas para sempre. Está aí o caminho que vos leva à meta das vossas vidas: A Felicidade. Vamos dar por amor tudo o que pudermos. O Padre Quim entrou nos nossos corações! □

ginava que à minha porta, na Europa, houvesse gente a viver no mesmo nível e a sofrer indignidades ainda mais aviltantes!

Foi uma maravilha a doação da casa. Ela estava linda, muito linda! A cor da tinta das paredes em contraste com a das portas e guarnições mostravam-na imensamente agradável.

Não só os Pobres, mas também as pessoas que nos acompanharam se iam enchendo de júbilo interior espiritual!

Referi que o frigorífico, um combinado, foi oferecido por um casal jovem com quatro filhos, o mais velho com sete anos e a perspectiva segura de criarem os que Deus lhes der! *“Educamos os nossos filhos na pobreza. Não usam roupa nem calçado*

de marca e os mais novos vestem a roupa deixada pelos mais velhos!”

Uma família cristã a educar segundo a fé cristã!

Quiseram partilhar connosco a alegria de família pobre e contaram-me que O GAIATO chega sempre às suas mãos já desembulhado. É a mãe que o lê primeiro. Eles, depois, devoraram-no e nunca fica em sua casa. Levam-no para fora para que outras pessoas, com ele, se possam enriquecer.

Compraram o frigorífico a prestações!

Os Gaiatos foram os grandes obreiros gratuitos da restauração desta casa!

Com os Pobres, Deus fez em nós maravilhas! □

VISTAS DE DENTRO

Padre João

16 de Julho

CELEBRAMOS a partida de Pai Américo para o Céu. Este ano com menos um dos seus discípulos entre nós: o Senhor Padre Carlos. Paço de Sousa foi, como aliás é costume, o grande “palco” desta celebração mediada entre a Capela e a copa das frondosas tílias — qual tecto transformado em sala de jantar. Os dois espaços — Capela e sala de jantar — muito queridos do Pai Américo. Em ambos, o pão é o centro! Na capela, o “Pão dos Anjos”, Corpo de Cristo Senhor, na Palavra e na Comunhão, alimento essencial para a nossa união e amor de família. Na sala o pão dos “mortais”, também muito saboroso, bem confeccionado para que a alegria se espelhe nos rostos, como sinal da alma em festa — por estarmos juntos.

A refeição é pois constitutiva deste Encontro. Faz-nos bem apreciar que o primeiro “toque” vem da Casa que chama os filhos

para a festa, para a Mesa... Os pais dão o primeiro sinal: chamam para a mesa, de forma incondicional, para que ninguém se sinta inibido de participar ou excluído por não ter com quê... O apelo vem por meio da Associação, depois de concertadas, as “coisas” todas com a direcção da Casa. Assim é que é! A Associação dos Antigos é a voz que convoca, que representa, que toma a dianteira, que imprime carácter ao Encontro; que corporiza o lema “Deles, por Eles, e para Eles”. Na altura própria foi muito belo observar o Maurício e o Miguel, Capela acima, com uma coroa de flores nas mãos e em nome de todos os seus irmãos colocarem na aos pés tumulares, onde jazem os despojos do grande Recoveiro dos Pobres — o Pai Américo. Gesto emocionante e de eterna gratidão de quem não esquece o dom recebido que foi Padre Américo. As palavras de circunstância

foram proferidas pelo Antigo, «Zé Baleia», corroborando as muitas, apropriadas, do Padre Zé Maria que presidiu à grande Mesa da Refeição Eucarística.

Neste grande Encontro ninguém foi esquecido: os de longe e os mais próximos; os que vencendo relutâncias várias, marcaram presença e proximidade, gravando mais uma página de oiro na história destes Encontros de Família da Obra da Rua. As Casas todas estiveram presentes na grande Oração Universal, principalmente as de África e, de entre estas, a Casa do Gaiato de Malanje: nesse Domingo, nela celebrou Missa Nova o neosacerdote Quim que, ligado a ela, desenvolveu o seu percurso vocacional rumo ao Sacerdócio Ministerial para serviço da Igreja na Obra da Rua.

Entre todos os ausentes, Padre Carlos, recentemente desaparecido do nosso convívio foi, sem dúvida, o mais recordado e sentido; uma ausência experimentada entre perplexidades e dúvidas que o seu testemunho de vida, deixado a todos como herança, prontamente desfaz. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESCREVO de Paço de Sousa. Só Deus sabe quanto tempo ainda aqui estarei preso. Não que seja um verdadeiro sacrifício, mas mais delicioso seria estar no meu lugar.

Aproveito para saborear esta Casa que foi a primeira Aldeia que Pai Américo levantou de raiz. Olhar para estas casas de granito, tão bem talhadas, lembrar as andanças que teve a angariar dinheiro para pagar aos pedreiros. Pedras, as primeiras até vieram do Mosteiro. Muitas delas, avermelhadas pelo fogo que o destruiu. Outras arrancadas no terreno da cerca. Revivo a sua ânsia de trazer para aqui os primeiros rapazes. Um deles ainda vivo, o Manuel «Côco» que começou a chamá-lo «Pai Meco», pequenino que era. A pressa de encher a Casa e fazer realmente o seu sonho de *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*, até ao seu último desejo, *Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes*. Não de doenças que os médicos tratem, mas que a natureza lhes imprimiu ou acidentes causaram e têm fome e sede de amor. Só. O pior acidente, o abandono social ou familiar. Sofrer como ele sofreu a incompreensão: «Que vai ele fazer? Salvar um ou dois, mas eles são tantos!» E ele a responder «E você sabe que são tantos e não quer que ao menos um se salve?» Ou então aquele pedido de padres ao seu Bispo para que lhe ponha um freio nos dentes. Nem parece linguagem de padres, mas de quem usava cavalgaduras, ainda não automóveis, por falar como falava, em defesa dos mais Pobres. Hoje, a Obra continua a sofrer a incompreensão de muitos. Parece que só pode ser moderno, aquilo que a ciência dita e só doutores o podem fazer. Digo podem, mas não fazem para que a gente veja ao menos como é. Que se passou na Casa Pia de Lisboa, cheia de tantos técnicos e consta que continua a passar? E culpados mais do que ninguém senão os homens da ciência que defenderam com o saber dos escaninhos esconsos da Lei os verdadeiros culpados. São os pequenos? Até parece.

Quando a Obra precisa de «técnicos do amor» aparecem técnicos de teorias, esquecendo-se que «o coração tem razões que a razão não conhece» e quando é uma paixão motivada por ideal que só Deus sabe explicar, como no-lo concedeu, ninguém nos segura, mesmo com os pés beirando a cova. Viver é amar e os mais Pobres dos Pobres precisam mais de amor que de pão para a boca. «*Estava preso e doente e nem um sopro teu*», dizia Pai Américo. «*Andava nu e sozinho no mundo e nem olhaste para mim. Com fome e com sede e tinhas tudo quanto querias*». Por isso o nosso mundo anda às avessas. Os grandes comem o que pertence aos pequenos. Veja-se o que tem sido a redução de pensões a quem passou a vida a trabalhar e agora mal lhe dá para viver. Ainda se fossem os pequenos a comer os grandes, como os peixes do sermão de Vieira, que actual, ou ao menos como o peixe que abriu a boca para proteger Jonas e lançá-lo são e salvo nas praias de Nínive...

A teoria do poder do dinheiro corrompeu os homens. Será que podemos chamar homens a esses? Que havemos de chamar à grande maioria das pessoas do mundo que passam verdadeiramente fome ou não têm o suficiente, nem uma casa digna ou com que pagar a renda ou têm de entregar ao Banco aquela para que já deram tanto e agora não há mais. «*Quem quer mais do que convém perde o que quer e o que tem*». Seria bonito que em vez de tanta política enroscada, alguém se atrevesse a ler na Assembleia da República o sermão de António Vieira, que ele chamou de Santo António aos Peixes. Ele é que falou com verdadeira arte política e com a mais genuína prosa de Português clássico. Falta quem como ele. Sei que ninguém vai ligar importância a um jornaleco como já tenho *ouvisto* chamar ao GAIATO. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O Evangelho tem aqui toda a sua força. Jesus de Nazaré abriu as portas de um novo mundo quando mandou sentar à nossa mesa aqueles que não podem retribuir. Quem não entrar por esta porta, não compreendeu a essência d'Ele nem a responsabilidade do nome de cristão. □

SETÚBAL

Padre Acílio

POBRES dos Pobres / são Pobrezinhos/Almas sem lares/ / Aves sem ninhos!

Nunca, até agora, a voz do Poeta souu tão fundo dentro de mim!

Cada vez, me apaixona mais a causa dos Pobres!

Apareceu-me em Casa, coberta de pancada e cheia de nódoas negras no corpo com três meninas agarradas a si, também postas na rua, pelo pai e companheiro da desditosa rapariga.

Vinha pedir ajuda. Pretendia alugar uma casa, longe do desalmado pai e cruel companheiro. *Nunca mais o queria ver*.

Comecei por lhe apontar caminhos que ela rejeitava firmemente com razões naturais, isto é, jorradadas do seu instinto maternal.

— *Oh!, mulher vá queixar-se ao tribunal. Ao apoio à vítima. É fácil. Eles são rápidos. Eu tenho experiência.* — Conte-lhe alguns casos, já passados também por mim.

Que não. Que não ia. Preferia habitar num buraco e viver com as suas filhas. *Se lá vou tiram-me logo as minhas meninas!*

A gente fica tolhido perante a vivacidade destes argumentos e tudo é escuridão dentro de nós!

Fui ver uma casa que ela já tinha assinalado, mas o dono não apareceu. O contacto era um telemóvel que chamou sem atender. Ao outro dia, sábado, fomos observar outra casa mas o assunto era intermediado por uma imobiliária.

Deixei cheque para a caução e primeiro mês mas só na segunda-feira dariam resposta após conversa com o procurador do dono.

Era o fim do dia. Passei-lhe algum dinheiro para a mão, tentando aliviar a minha dor e ela sobreviver naqueles dois dias. Na segunda-feira telefonou várias vezes. Eu era a sua esperança!

Ontem, fui com ela, ao fim do

dia, à agência mas nada feito. Não bastava o dinheiro. Ainda adiantei a hipótese de lhe pagar já outros dois meses até que a desgraçada arranjasse trabalho e estabilidade. Mas nada. «*Sem fiador não fazemos contrato.*»

Eu compreendo os donos das casas, têm as suas razões. Quantas há por aí tomadas pelos arrendatários sem possibilidade de pagar renda e, para se porem na rua é o cabo dos trabalhos, uma demora louca nos tribunais e uma despesa arrelhiadora. Quantas?!

A gente entende. O que não percebe é a total desprotecção de casos destes!

A mãe tem direito a ter os filhos com ela e as meninas a companhia e ao afago fresco da mãe a qual neste caso, não carrega os defeitos que a podiam marginalizar e inibir de gozar tão sagradas prerrogativas! Pareceu-me uma rapariga nova, digna, limpa e asseada e com grande apego às pequeninas.

Para arrefecer o coração e a

cabeça dei-lhes guarida, aqui em Casa.

Ficaram num quarto junto das senhoras, onde armaram dois *divãs* para as maiorezinhas que a de peito dormiu com a mãe.

Enquanto tomava, hoje, o pequeno-almoço falei-lhe em ir rogar às Irmãs de Calcutá que acolhessem as meninas para ela poder trabalhar. Que não. Que pretendia trabalhar, mas à noite dormir com elas! Revelava um medo terrível que lhe tirassem as filhas!

Meu Deus! Que fazer?! — Chorar, chorar, chorar!

A situação dos Pobres é dramática.

Teoricamente parece que tudo esta previsto na lei e nas instituições, mas os casos práticos mostram o contrário.

Este assunto não tem muito a ver com a Casa do Gaiato, mas com a minha vida que não tem sido gasta se não com os Pobres. Aos Rapazes, pouco tenho dedicado o meu coração. □

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Padre Quim

Continuação da página 1

bonito! Muito obrigado Senhor Arcebispo. Com este gesto de generosidade manifesto a minha pronta disponibilidade para servir a Igreja de Deus e a Obra da Rua onde quer que seja, conforme as necessidades mais urgentes e a vontade de Deus.

Quero servir a Obra de todo o coração; por isso, solicito o acolhimento e a paciente instrução da parte dos Sacerdotes da Obra. E que Nossa Senhora, Mãe dos Sacerdotes e Pai Américo, me façam crescer cada vez mais no amor a Deus, à Igreja e aos homens — onde o Senhor me enviar. Eis-me aqui Senhor para fazer a Vossa vontade.

Agradeço a Deus pelo Dom da vida e da vocação. Que Ele faça despertar no coração dos jovens a semente da vocação.

Agradeço ao Senhor Arcebispo Dom Luís Maria pela confiança que depositou em mim.

Agradeço à Obra da Rua e aos seus Padres, na pessoa do Padre Telmo. E a todas as pessoas que amam as Casas do Gaiato e me acompanharam espiritual ou materialmente, o muito obrigado. E que Deus abençoe a todos na Paz. □

